

A Luz: do lagar ao altar

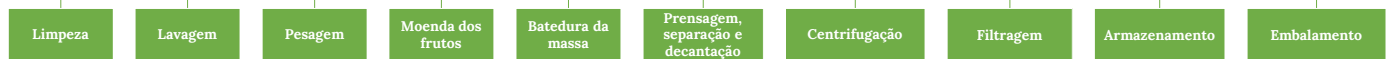
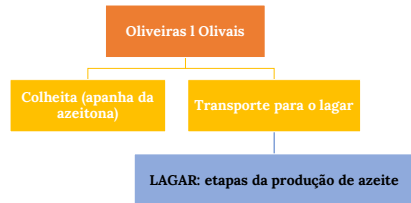
Jornadas Internacionais «Fazer o Lume, Fazer a Luz. Arqueologia do Fogo»,
Palmela, 22 de junho, 2023

Alexandra Vieira
CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço
e Memória, alexandramvieira@gmail.com
Instituto Politécnico de Bragança, alexandra.vieira@ipb.pt

O azeite é um produto de origem vegetal e a cera de abelha é um produto de origem animal. Existem vários denominadores comuns entre azeite e a cera de abelha: podem ser ambos produzidos com recurso a lagares (embora tenha havido uma produção doméstica de cera de abelha para autoconsumo e sem recurso a estruturas deste tipo); não produzem fumo nem libertam cheiro durante o processo de combustão; serviram, desde tempos remotos, para a iluminação privada e de espaços públicos, nomeadamente durante a época Moderna e Contemporânea; são produtos onerosos, com processos de transformação complexos e morosos; durante séculos as velas de cera de abelha assim como as candeias ou lamparinas de azeite de oliveira foram os únicos combustíveis permitidos para a iluminação das igrejas e dos espaços católicos; tanto a oliveira como as abelhas são elementos sagrados, símbolos cristãos e ambos são usados em alguns dos sacramentos católicos.



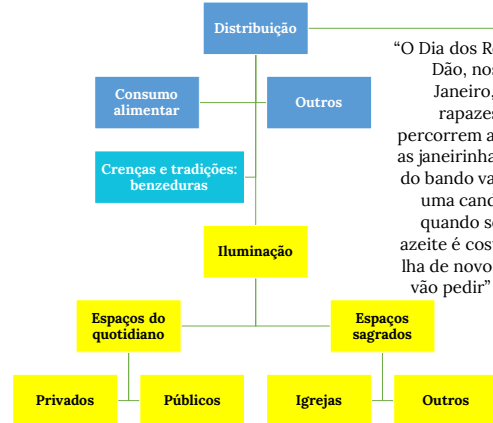
Olival, Azibo (Macedo de Cavaleiros). Talha de azeite e pio em pedra com duas galgas, Núcleo Museológico do Azeite, aldeia dos Cortiços (Macedo de Cavaleiros). Fotografias de Alexandra Vieira.



O azeite é símbolo de luz, pureza e prosperidade.



Candeias e lamparinas de azeite, em exposição na sala o Azeite e os seus Usos, Museu da Oliveira e Azeite (Mirandela). A candeia mais alta e com dois bicos é uma candeia ou lamparina fúnebre. Fotografias cedidas pelo Museu da Oliveira e do Azeite (Mirandela).



“Lembrámos (...) que as abelhas foram, nas sociedades antigas, consideradas paradigma da pureza – assexuadas, vegetarianas e adversas a qualquer podridão – pelo que a cera por elas produzida, que arde sem fumo nem odor (ou despreendendo um doce cheiro a mel) era, juntamente com o azeite puro, os únicos combustíveis para iluminação que a igreja admitia em espaço sagrado, fazendo o lume das velas parte do ritual (Soeiro, 2010/2011: 183)”.



Interior do antigo lagar comunitário de prensa de vara de Felgueiras (Torre de Moncorvo). Fotografias cedidas pela Câmara Municipal de Torre de Moncorvo.

BAPTISMO: O padre toma o círio pascal e diz: *Recebei a luz de Cristo.*
O pai ou o padrinho acende a vela de cada criança no círio pascal e o celebrante diz: *A vós, pais e padrinhos, se confia o encargo de velar por esta luz, para que os vossos pequeninos, iluminados por Cristo, vivam sempre como filhos da luz, perseverem na fé e, quando o Senhor vier, possam ir ao seu encontro com todos os Santos, no reino dos céus (Secretariado Nacional de Liturgia).*
Vela (em cima) e Círio Pascal, Igreja Matriz de Gondomar. Fotografias de Daniela Ferreira (Digital S Estúdios).



Agradecimentos: António Manuel Silva; Câmara Municipal de Torre de Moncorvo; Daniela Ferreira da Digital S. Estúdios; Luís Correia, da Apimonte (www.apimonte.pt); Palmira Cunha Felgueiras do Museu da Oliveira e do Azeite; Telmo Cadavez.